

DIFERENTES MODELOS DE POVOAMENTO RURAL ALTO-MEDIEVAL DO ALGARVE OCIDENTAL

LUÍS MIGUEL CABRITA*

Resumo: Os testemunhos arqueológicos da região de Silves, S. Bartolomeu de Messines, constituem, quanto a nós, fundamento para dar continuidade aos estudos que sobre ela foram publicados, ampliando a área de investigação ao Algarve Ocidental. Tencionamos contribuir um pouco mais para o conhecimento, da região e das sociedades rurais tardorromanas ou visigóticas que exploraram aquele território.

Palavras-chave: Sepulturas escavadas na rocha; Algarve; S. Bartolomeu de Messines.

Abstract: The archeological evidence from the S. Bartolomeu de Messines, Silves region provides, in our opinion, fundament for the continuation of studies already published regarding the area — therefore amplifying the area of investigation to the Western Algarve. We intend to contribute to the insight of the region and the late-roman or visigoth rural communities that then explored the territory.

Keywords: Rock cut graves; Algarve; S. Bartolomeu de Messines.

A Península Ibérica nos alvares do século VI apresentaria uma geografia política instável. A noroeste, nas zonas montanhosas da *Galícia*, os Suevos estariam acantonados, os Bascos formariam um outro grupo hostil ao centralismo visigodo que teria fundado a sua capital em Toledo, mantendo Mérida como a principal cidade da Lusitânia, herdeira da antiga província romana. Em meados da centúria de quinhentos as incursões Bizantinas perpetradas por Justiniano, que reclama ser o genuíno sucessor da Roma Imperial, assenhora-se de toda a costa sul da Península Ibérica, desde Lagos a Cartagena¹.

No curto período que Bizâncio regrou a estreita faixa meridional do atual território português, teriam a sua capital em Faro (*Ossonoba*), assim como a sua sede episcopal regional. Estes conquistadores terão ainda conservado os templos de Loulé Velho e Senhora da Rocha como ordenadores espirituais na atual região algarvia. No entanto, as zonas interiores parecem não ter sido influenciadas por estes missionários mediterrânicos².

A degradação da estrutura administrativa, decadência urbana dos *oppida*, de *Cilpes*, *Lacobriga*, *Ipses* que se localizavam não muito longe³, o desmantelamento das cúrias municipais, poderes fiscais, judiciais e organizações militares, herdeiras da

* Email: lmcabrита@gmail.com.

¹ SERRÃO, MARQUES, *dir.*, 1993: 60-65.

² M. GOMES, 2002: 386.

³ ALARCÃO, 1990: 360-361.

romanização, provocada pela invasão dos povos germânicos, visigodos, no primeiro quartel do século VII, no atual território algarvio, culminando com o afastamento dos Bizantinos que submeteram este espaço em meados do século VI⁴. A dispersão das populações nos séculos VI e VII, pelos territórios mais ricos e protegidos terá provocado a falência da economia romanizada dos centros urbanos, que regulou a região a partir do século III a. C. nas explorações agrárias e mineiras⁵. A ausência de um edifício eclesiástico cristãos nesta região do Barlavento algarvio poderá ter sido um outro contributo para a dispersão das comunidades humanas, não tendo sido detetado nos atuais aglomerados populacionais qualquer vestígio da presença de um templo paleocristão, ou visigótico. Corroborando este facto é a dispersão dos cemitérios rupestres que foram construídos nas cercanias dos *habitats* comunitários.

A POSIÇÃO GEOGRÁFICA E RELEVO

O Algarve Ocidental ocupa o extremo ocidente sul da Península Ibérica dispondo uma posição geográfica entre os paralelos 37° 1' 30,91" e 37°26'15,99" norte e as latitudes 8° 59' 32,15" e 8° 10' 42,99" oeste. Ocupa sensivelmente uma área aproximada de 2029,5 km², que tem as suas fronteiras orientais nos limites administrativos ocidentais no concelho de Loulé e nos limites administrativos leste do concelho de Albufeira. Os limites oeste e sul da região, confinam com o oceano Atlântico, a norte, é limitado pelas Serras de Espinhaço de Cão, Monchique e Caldeirão.

As serras que limitam o Algarve a norte só têm expressão na região, não mostram continuidade para além do curso do rio Guadiana⁶. A cota atinge o seu ponto mais alto na Serra de Monchique com 902 m⁷. As altitudes vão esbatendo-se até ao eixo

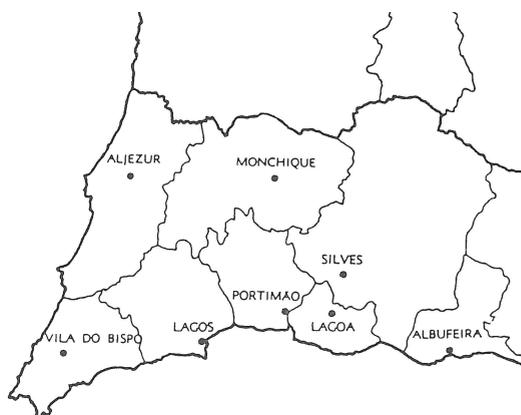


Fig. 1.
Limites administrativos do
Algarve Ocidental (Barlavento)
Fonte: CABRITA, 2007

⁴ M. GOMES, 2002: 386.

⁵ MATTOSO, *dir.*, 1993: 301-359.

⁶ RIBEIRO, 1987: 13.

⁷ RIBEIRO, 1987: 104-105.

S. Bartolomeu de Messines — S. Marcos da Serra no concelho de Silves. A este daquele eixo iniciam-se as elevações da Serra do Caldeirão que atingem o seu ponto mais alto aos 589 m. A oeste da Serra de Monchique, desenvolve-se a Serra do Espinhaço de Cão. A sul da anterior zona serrana desenvolve um relevo menos acentuado, as formações rochosas são constituídas maioritariamente por calcários dolomíticos e argilas vermelhas. A orla marítima desvenda acidentes suaves de baixa altitude, que se acentua no sentido de este para oeste, aquela é interrompida por zonas dunares recentes⁸.

AS INVESTIGAÇÕES PRECEDENTES

Nos finais da centúria de Oitocentos, Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, colige informações e reúne artefactos na região em causa, anunciando uma diversidade cronológica da presença humana no território algarvio⁹. No final da primeira metade do século seguinte, Octávio da Veiga Ferreira e Albuquerque e Castro publicam o espólio da necrópole pré-histórica do sítio de Vale de Carro no concelho de Albufeira, entre os artefactos estudados são descritos o tipo de sepulturas e objetos que se mostram consentâneos com o período alto medieval¹⁰. Abel Viana, José Formosinho e Octávio da Veiga Ferreira publicam o espólio exumado das sepulturas visigóticas do sítio da Alcaria nas Caldas de Monchique¹¹. Estes trabalhos de escavação terão tido o seu começo no ano de 1937, prolongaram-se até 1948 com a colaboração dos três investigadores¹². O primeiro Congresso Nacional de Arqueologia que homenageou o digníssimo Doutor José Leite de Vasconcelos, realizado no derradeiro mês do ano de 1958, Maria Elisa Helena Henriques Gomes apresentou comunicação titulada *Monumentos Arqueológicos Inéditos do Concelho de Silves*. O referido trabalho documenta a existência de três núcleos de sepulturas apelidados de *Fragão*, *Quinta da Unha e Pedreira*¹³. O Doutor Fernando António de Almeida na sua obra *Arte visigótica em Portugal*, estuda alguns objetos e elementos arquitetónicos, capitel, provenientes da Vila de Alcantarilha¹⁴. Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso Santos, regista testemunhos itálicos junto da atual Vila de S. Bartolomeu de Messines¹⁵. Achados isolados continuaram a suceder, chamando a atenção de arqueólogos como Caetano de Mello Beirão e Mário Varela Gomes, que nos privilegiaram com as suas campanhas arqueológicas na bacia hidrográfica do Alto-Arade, onde se documentou a existência de numerosos locais com vestígios da ação humana

⁸ RIBEIRO, LAUTENSACH, 1987:158-159.

⁹ VEIGA, 1887: 350-369.

¹⁰ FERREIRA, CASTRO, 1948: 5-12.

¹¹ VIANA, FORMOSINHO, FERREIRA, 1949.

¹² VIANA, FORMOSINHO, FERREIRA, 1950.

¹³ GOMES, 1958: 75-94.

¹⁴ ALMEIDA, 1962: 205-254.

¹⁵ SANTOS, 1972: 117-118.

e se iniciaram os estudos históricos e arqueológicos, segundo mitologias modernas, desta faixa interior do Algarve¹⁶.

O arqueólogo Mário Varela Gomes, estudou em 2002 a necrópole visigótica de Poço dos Mouros, nas imediações da povoação de Alcantarilha no concelho de Silves, composta por 8 sepulturas. Este arqueossítio foi precedentemente escavado pelo Padre José Manuel Semedo Azevedo, pároco de Albufeira, que resguardou numa singela coleção dois sepulcros e variado espólio provenientes daquela necrópole¹⁷.

Em 2007 apresentámos, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma dissertação propondo um arquétipo de povoamento Alto Medieval para a região de S. Bartolomeu de Messines. A investigação foi firmada no estudo de cinco necrópoles e cinco sepulturas que totalizam quarenta e três fossas tumulares. Aquelas foram escavadas no extenso veio de arenito vermelho de Silves que emerge em todas as elevações, que limitam a norte o vale da aldeia da Amorosa e o sítio de Vale Fuzeiros¹⁸.

O CASO DAS NECRÓPOLES RUPESTRES ALTO-MEDIEVAIS

Os cemitérios alto-medievais de S. Bartolomeu de Messines privilegiaram as fragas rochosas de arenito vermelho, grés de Silves, que emergem nos pequenos cerros, que por vezes, exibem longos afloramentos e imponentes penedos, nas encostas voltadas a sul. Esporões rochosos sobressaem nos topos dos montes, atingindo cotas entre os 200 e 150 metros.

As oito necrópoles identificadas, Castelo, Amorosa, Forneca, Carrasqueira e Pedreirinha, Monte Branco, Falacho, Arge, exibem uma diversidade numérica de sepulcros, que nos permitiu sugerir a existência de diferentes tipos de comunidades que habitariam na região. A necrópole mais extensa é da Amorosa que conserva 18 sepulcros, numa daquelas fossas, foi ainda possível resgatar um indivíduo inumado que nos forneceu dados antropológicos, cronológicos e rituais, de grande relevância. A par daqueles cemitérios identificamos sete sepulturas isoladas que podem induzir à existência de comunidades mais singelas que não se alargariam além do núcleo familiar. O sítio dos Canhestros, Hortas de Baixo, Forneca e Pedreirinha, Barradas, Mata Ladrões, conservam fossas que foram abertas em penedos distantes dos principais núcleos sepulcrais.

O estudo destes conjuntos funerários, à luz das novas metodologias aplicadas à arqueologia da morte, permitiu coligir dados que podem sugerir novas perspetivas sobre as comunidades que ocuparam aquele espaço territorial.

¹⁶ GOMES, 1994: 79-72.

¹⁷ M. GOMES, 2002: 339-391.

¹⁸ CABRITA, 2007: 137-142.

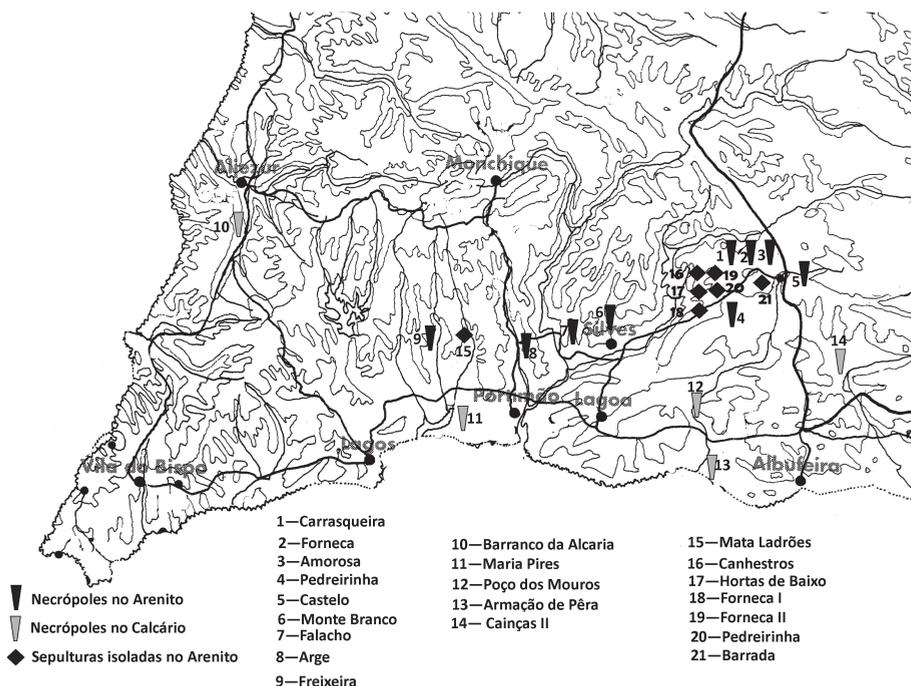


Fig. 2. Localização das necrópoles e sepulturas isoladas escavadas na rocha

Fonte: CABRITA, 2007

Os recentes trabalhos dedicados às necrópoles fixadas nas margas de arenito vermelho de Silves, Arge, sepultura de Mata Ladrões, Freixeira no Concelho de Portimão; Monte Branco e Falacho e Sepultura das Barradas em Silves, até à data, não ofereceram a presença dos povoados que originaram aqueles campos funerários.

Semelhante horizonte reconhece-se nas necrópoles que ocuparam afloramentos rochosos calcários, Chaiças I e II no Concelho de Albufeira, Poço dos Mouros, Armação de Pera em Silves, Maria Pires em Portimão e Barranco da Alcaria em Aljezur.

Assim, reduzidos à investigação das fossas tumulares, sem a presença de outros testemunhos materiais que os possam complementar, ficamos limitados ao estudo das práticas funerárias.

ARQUITETURA FUNERÁRIA

A escolha de um afloramento rochoso para aí se construir um cemitério rupes- tre, não seria por certo de modo aleatório. A proximidade do *habitat*, um local que se deveria distinguir na paisagem próxima e a sua fácil identificação no horizonte, seriam, provavelmente, fatores a ter em conta pela comunidade. As necrópoles dos sítios ante mencionados, estão inseridas naqueles critérios. Os penedos onde foram

construídos os aludidos cemitérios, destacam-se da paisagem, são facilmente identificáveis no horizonte e muito presumivelmente os *habitats* estariam próximos, apesar de não termos conseguido identificar a localização exata destes, muito verosimilmente pela atual ocupação habitacional do território ou, por se encontrarem sob as atuais povoações, e ainda, pela prática agrícola intensa que se comete.

A construção de habitações com materiais pouco perenes, a instalação destas em local que não interfira com a prática agrícola, a criação de gado, terá sido fatores, condicionantes, no tipo de povoamento implementado por estas comunidades. As condições precedentes terão inviabilizado a presença prolongada no tempo de testemunhos inerentes aos *habitats*, muros de habitações, buracos de postes ou fornos. A água está sempre presente no vale, presumivelmente, a curta distância do *habitat*. As serras a norte poderiam fornecer a madeira, para combustível ou para a construção e ainda, o alimento para o gado. O vale será reservado para o cultivo das leguminosas e dos cereais.

A indicação do local no penedo onde se iria proceder à abertura da sepultura, dependeria provavelmente de vários fatores. No caso de ser a fossa inaugural esta iria presumivelmente ocupar a parte central do afloramento rochoso. Na situação de já existirem outras câmaras funerárias construídas no penedo, esta seria fundada ao lado das existentes, formando assim um alinhamento paralelo. Ocorrem, também, situações de ocupação de penedos isolados em redor do núcleo funerário central, como sucede nas necrópoles da Forneca, Amorosa e na Carrasqueira. Escolhido o local onde se iria construir a morada definitiva do indivíduo, assinalava-se na superfície rochosa a planta da fossa tumular. Em seguida teria início, o desmonte, para a abertura da câmara funerária¹⁹. Esta operação seria efetuada com recurso a instrumentos metálicos, que podemos testemunhar e registar as suas marcas distintas, nas paredes internas das fossas sepulcrais. Escolhida a cobertura da sepultura esta seria aplanada interiormente e dimensionada para a encaixar no rebaixo anteriormente realizado na sua orla.

Justapondo a metodologia que o Professor Doutor Iñaki Martín Viso propõe, divisão em três grupos, com as devidas adaptações para a realidade atual do extremo ocidente do Algarve, repartição em três grupos, um primeiro grupo, sepulturas isoladas, um segundo conjunto, sepulturas agrupadas de 2 a 5, e por último, necrópoles com mais de 5 fossas funerárias. Neste último grupo não os dividimos em necrópoles ordenadas e desordenadas porque todos aqueles conjuntos nos sugerem a existência de uma ordenação em grupos familiares²⁰.

¹⁹ TENTE, LOURENÇO, 1998: 208.

²⁰ MARTÍN VISO, 2012: 170-172.

Compilamos 7 sepulturas isoladas representando 12%, com 26% e 15 sepulturas contabilizadas registamos conjuntos de 2 a 5 sepulturas, por último 62% dos sepulcros estão agrupados em necrópoles com 36 testemunhos, esta realidade foi aferida para as fossas abertas na rocha de arenito. Para os cemitérios fundados nos afloramentos rochosos de calcário as 35 sepulturas reconhecidas estão todas agrupadas em necrópole.

Junto das câmaras funerárias assinalámos a insculturação de pequenas covinhas circulares, que variam de diâmetro entre os 2 cm, as mais pequenas e 15 cm, as depressões maiores. A profundidade média que guardam varia entre os 2 e 3 cm. Algumas destas covinhas estão inseridas em depressões maiores que os penedos oferecem, naturalmente, ou foram construídas por desmorte da superfície rochosa. Outras covinhas aparecem muito próximo das sepulturas, que sugerem a existência de uma prática ritual funerária associada a estes elementos. A prática de tumular na rocha, que se verifica na região do barlavento algarvio descarta a presença de esquifes, de madeira, nos noventa e três túmulos deste universo, pois a profundidade e forma das fossas sepulcrais não comportaria tal funcionalidade.

A planta tumular mais comum das 58 sepulturas nos cemitérios escavados no arenito é ovalada, com 16 sepulcros e representando 27% das fossas. A planta sub-retangular, com 15 exemplos, revela 25% das sepulturas; 11 túmulos são trapezoidais, detendo 18% do universo; o traçado subtrapezoidal, com 4 sepulturas, detém 7% dos exemplos; as fossas retangulares representam 3% dos túmulos, com dois exemplares. Doze dos túmulos, que não conseguimos obter a planta com exatidão, representam 20% dos jazigos.

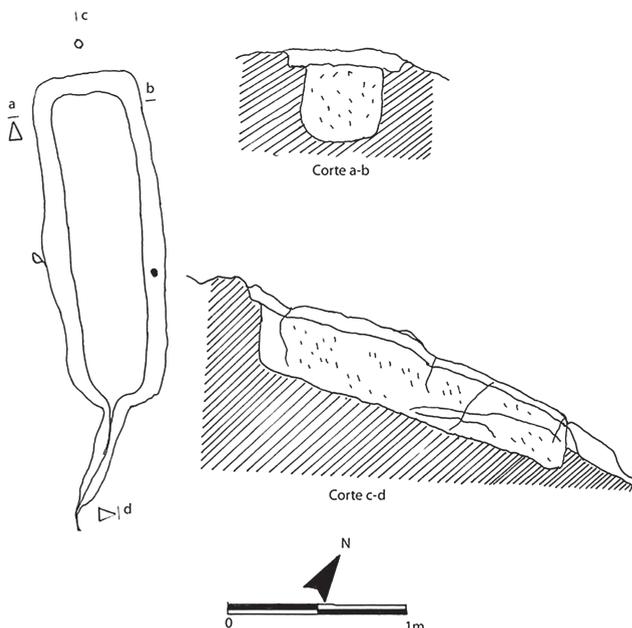


Fig. 3.
Sepultura isolada 1
da Forneca
Fonte: CABRITA, 2007

O universo dos sepulcros abertos no estrato rochoso calcário coligidos, são 35 fossas. A forma mais usual reconhecida é a subtrapzoidal com 7 sepulturas, representando 19%. As depressões trapezoidais e ovais detêm um exemplar cada, registando 3% cada uma. As plantas sepulcrais retangulares e sub-retangulares que reconhecemos têm 4 e 3 exemplos respetivamente, representando 11% e 8% deste universo. As formas aqui apresentadas são semelhantes às que encontramos nos cemitérios talhados no veio de arenito da região e verifica-se, igualmente, uma total ausência de sepulturas antropomórficas.

O comprimento médio das fossas tumulares das necrópoles abertas no arenito é de 1,75 m. Incluímos neste cálculo o fragmento de sepultura da Forneca que oferece pelo menos metade do túmulo, com 0,62 m de comprimento máximo, e o jazido de criança da Pedreirinha, com o comprimento de 0,58 m. Os sepulcros abertos nos afloramentos calcários o comprimento médio atinge 1,42 m, registamos ainda presença de túmulo de criança com 0,65 m, na necrópole do Barranco da Alcaria (Aljezur), e assinalamos a existência de 3 fossas com dimensões próximas de 1,00 m, na necrópole de Poço dos Mouros, (Silves), denunciando a presença de indivíduos jovens.

RITUAL FUNERÁRIO

O ritual funerário que ocorre nas necrópoles escavadas nos estratos rochosos de arenito de Silves, Cerro do Castelo em S. Bartolomeu de Messines, Amorosa, Forneca, Carrasqueira, Pedreirinha, Vale Fuzeiros, Monte Branco, Falacho, Mata Ladrões, Arge, Freixeira, e nas sepulturas isoladas da Forneca, Horta de Baixo, Canhestros e Pedreirinha, Barradas, é a prática da inumação em fossa, simples, aberta no arenito vermelho de Silves, coberta por laje monolítica ou composta por vários blocos.

Na necrópole do Poço dos Mouros, na freguesia de Alcantarilha, do concelho de Silves, cavadas no estrato calcário, também o arqueólogo Mário Varela Gomes sugere a opção ritual de inumação do cadáver, envolto em sudário na posição longitudinal, sem qualquer ataúde a proteger o corpo, pois a largura das fossas tumulares não comportaria mais que aquele²¹. Prática semelhante deveria ocorrer nas necrópoles de Armação de Pera, (Silves), Maria Pires, (Portimão), Barranco da Alcaria, (Aljezur) e Chaiças I e II em Albufeira.

A profanação das sepulturas, de S. Bartolomeu de Messines e de Vale Fuzeiros, que ocorreu em épocas precedentes, não deixou testemunhos da existência de oferendas aos defuntos, prática que ocorre noutros cemitérios estudados neste concelho, como na necrópole anteriormente aludida de Poço dos Mouros.

Ali, Mário Varela Gomes recolheu, ainda, alguns fragmentos cerâmicos nas terras da necrópole, remexidas pelas intervenções, ocorridas em 1958 e 1970, dirigidas pelo

²¹ M. GOMES, 2002: 374.

Sr. Padre Semedo Azevedo da Paróquia de Albufeira e pela Dr.^a Maria Elisa Helena Henriques Gomes, respetivamente. O cemitério de Poço dos Mouros, ofereceu uma garrafa e um copo, exumados da Sepultura 1, fragmento cerâmico de jarro e fragmento cerâmico da parede de gargalo, provindos, provavelmente, da sepultura 2, tal como fragmentos cerâmicos correspondendo a um fundo de panela e de parede de vasilha recolhidos na sepultura 6²².

No universo de cinquenta e seis sepulcros estudados nas necrópoles de S. Bartolomeu de Messines, Vale Fuzeiros, Silves e Portimão a orientação mais comum é a noroeste-sudeste, correspondendo a primeira diretriz à deposição da cabeça e a segunda ao assentamento dos pés, com 26 exemplares, que representam a 47% dos testemunhos. Segue-se a orientação norte-sul, com 10 exemplares, que atingem 18% dos vestígios. Nove sepulcros estão orientados nordeste-sudoeste, representando 17% dos exemplares, o mesmo número foi coligido nos sepulcros que não conseguimos determinar a orientação. Foi registado um único sepulcro, que oferece orientação sudeste-noroeste e representa 2% deste universo, a sepultura isolada da Pedreirinha.

As sepulturas abertas na faixa calcária, localizada a sul da anterior formação rochosa, privilegiam a orientação norte-sul com 10 elementos, representado 32% do conjunto. A orientação sudoeste-nordeste agrupa 6 sepulcros, detendo 19%, duas sepulturas estão orientadas oeste-este, que retratam 7% dos casos, e em 13 exemplos deste universo não se conseguiu obter a informação da sua diretriz, denotando 42%.

A exposição a sul, da maioria dos afloramentos rochosos de arenito vermelho de Silves, condicionou, muito provavelmente, a orientação e construção das fossas fúnebres, ostentando algumas necrópoles sepulturas que estão direcionadas para outras orientações, caso da necrópole da Amorosa, onde a extensão do afloramento rochoso permite construir a sepultura no rumo adequado. As sepulturas isoladas que foram construídas em penedos isolados, Horta de Baixo, Canhestros e Pedreirinha, Barradas, Arge, estão orientadas de acordo com a orientação que os penedos detêm.

Nas 35 necrópoles investigadas na região de Granada (Espanha) por Román Puzón, o autor do estudo mostra que a maioria das sepulturas (79,30%) de época tardorromana, séculos VI a VIII d. C., estão orientadas de oeste para este. O primeiro ponto cardinal coincide com a deposição da cabeça. Direcionadas de este para oeste só registou 13,80% dos sepulcros. E somente 6,90% dos sepulcros é que apresentam o sentido norte-sul.

Para a Antiguidade Tardia, anterior ao século V. d. C. o autor coligiu 65,72% das sepulturas orientadas oeste-este, registando a existência de 22,14% no sentido este/oeste e 12,08% orientadas norte-sul, concluindo que na Andaluzia Oriental, desde o

²² M. GOMES, 2002: 339-391.

estabelecimento decisivo do Cristianismo se praticava a orientação oeste-este²³. No entanto, a maioria destas necrópoles foram abertas em solo vegetal e somente cinco necrópoles, daquele universo, foram construídas na rocha. Também só foi possível escrutinar a orientação da necrópole do *bairro da Esperanza em Loja*, com 24 sepulcros orientados oeste-este²⁴.

Nos cemitérios de *Albalate Las Nogueras*, *Cacera de las Ranas*, *Segobriga* e *Poço do Mouros*, foram, também, registadas a existência de fossas mais alargadas, ou sepulturas onde estavam depositadas várias ossadas pertencentes a mais do que um indivíduo, ou a numerosos indivíduos. Estruturas similares parecem ocorrer em algumas necrópoles existentes no sítio de Vale Fuzeiros, necrópole da Forneca e necrópole da Amorosa.

No primeiro daqueles cemitérios, no topo do afloramento rochoso, apresenta-se fossa de forma circular e uma outra de forma quadrangular, a primeira depressão poderia ser utilizada para depositar os restos mortais e a depressão quadrangular pode sugerir a sua utilização na preparação do corpo, para ser entregue na derradeira morada.

Na pluralidade dos cemitérios anteriormente aludidos, a direção mais vulgar das fossas sepulcrais, é de oeste para este, coincidindo a primeira direção com a deposição da cabeça. Mesmo na necrópole onde esta não é a direção mais privilegiada, *Albalate Las Nogueras*, ela apresenta uma percentagem elevada de sepulturas posicionadas na direção mais comum. Nas necrópoles rupestres de Loja, perto Granada em Espanha, Tiermes, perto de Madrid, a orientação mais comum das fossas sepulcrais, é a oeste-este.

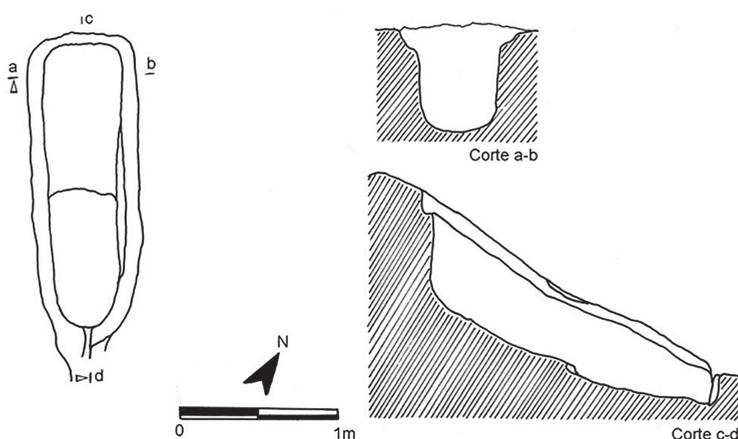


Fig. 4.
Sepultura isolada dos
Canhestros
Fonte: CABRITA, 2007

²³ ROMÁN PUNZÓN, 2004: 93 e 94.

²⁴ ROMÁN PUNZÓN, 2004: 52.

Tabela 1. Singularidades das sepulturas escavadas na rocha de arenito

Localização	n.º de sep.	Forma	Orientação	Dimensões			Inumações	N.º	Espólio Material
				Comp.	Larg.	Prof.			
Portimão - Mexilhoeira Grande – Mata Ladrões	1	Indeterminada	Indet.						Não
Portimão – Necrópole do Arge	S. 1	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 2	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 3	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 4	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 5	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 6	Indeterminada	Indet.						Não
	S. 7	Indeterminada	Indet.						Não
Portimão – Mexilhoeira Grande – Freixeira	Indet.	Indeterminada	Indet.						Não
Silves – Necrópole do Monte Branco	Indet.	Trapezoidal	Indet.				Sim		Sim
Silves – Necrópole do Falacho	S. 1	Trapezoidal	NO-SE	1,88	0,40	0,46	Não		Não
	S. 2	Trapezoidal	NO-SE	1,64	0,32	0,34	Não		Não
	S. 3	Trapezoidal	NO-SE	1,97	0,45	0,50	Não		Não
Silves – Messines -Necrópole da Amorosa	S. 1	Ovalada	NO-SE	2,01	0,57	0,51	Não		Não
	S. 2	Ovalada	NO-SE	1,60	0,52	0,46	Não		Não
	S. 3	Trapezoidal	NO-SE	1,87	0,48	0,37	Não		Não
	S. 4	Trapezoidal	NO-SE	1,82	0,38	0,39	Não		Não
	S. 5	Ovalada	NO-SE	1,75	0,37	0,39	Não		Não
	S. 6	Ovalada	NO-SE	1,73	0,50	0,50	Não		Não
	S. 7	Ovalada	NO-SE	1,78	0,40	0,41	Não		Não
	S. 8	Sub-retangular	NE-SO	1,63	0,34	0,40	Não		Não
	S. 9	Ovalada	NO-SE	1,87	0,40	0,29	Não		Não
	S. 10	Ovalada	NE-SO	1,99	0,46	0,41	Não		Não
	S. 11	Ovalada	NO-SE	2,12	0,46	0,47	Não		Não
	S. 12	Ovalada	N-S	1,82	0,45	0,42	Sim	1	Não
	S. 13	Ovalada	N-S	2,00	0,46	0,35	Não		Não
	S. 14	Trapezoidal	N-S	1,70	0,54	0,34	Não		Não
	S. 15	Retangular	NO-SE	1,84	0,46	0,41	Não		Não
S. 16	Ovalada	NO-SE	1,70	0,42	0,30	Não		Não	
S. 17	Ovalada	N-S	1,75	0,41	0,38	Não		Não	
S. 18	Ovalada	N-S	1,92	0,67	0,31	Não		Não	

Localização	n.º de sep.	Forma	Orientação	Dimensões			Inumações	N.º	Espólio Material
				Comp.	Larg.	Prof.			
Silves – Messines -Necrópole do Cerro do Castelo	S. 1	Trapezoidal	N-S	1,86	0,41	0,41	Não		Não
	S. 2	Ovalada	N-S	1,82	0,47	0,44	Não		Não
	S. 3	Trapezoidal	N-S	1,76	0,50	0,50	Não		Não
	S. 4	Trapezoidal	N-S	1,71	0,43	0,30	Não		Não
Silves – Messines - Necrópole da Carrasqueira	S. 1	Sub-retangular	NO-SE	1,86	0,64	0,59	Não		Não
	S. 2	Sub-retangular	NO-SE	1,72	0,45	0,45	Não		Não
	S. 3	Sub-retangular	NO-SE	1,86	0,45	0,50	Não		Não
	S. 4	Sub-retangular	NO-SE	1,90	0,60	0,45	Não		Não
	S. 5	Sub-retangular	NO-SE	1,84	0,46	0,44	Não		Não
Silves-Messines -Necrópole da Pedreirinha	S. 1	Sub-retangular	NE-SO	1,97	0,53	0,40	Não		Não
	S. 2	Retangular	NE-SO	0,58	0,25	0,26	Não		Não
	S. 3	Ovalada	NE-SO	1,94	0,50	0,42	Não		Não
Silves – Messines – Necrópole da Forneca	S. 1	Sub-retangular	NO-SE	1,92	0,42	0,46	Não		Não
	S. 2	Sub-retangular	NO-SE	1,82	0,46	0,54	Não		Não
	S. 3	Sub-retangular	NO-SE	1,75	0,55	0,47	Não		Não
	S. 4	Sub-retangular	NO-SE	1,68	0,62	0,72	Não		Não
	S. 5	Sub-retangular	NO-SE	1,67	0,52	0,56	Não		Não
	S. 6	Sub-retangular	NE-SO	1,65	0,50	–	Não		Não
	S. 7	Sub-retangular	–	0,62+	0,43	0,47	Não		Não
	S. 8	Sub-retangular	NE-SO	1,60	0,43	–	Não		Não
	S. 9	Indeterminada	–	–	–	–	Não		Não
	S. 10	Indeterminada	–	–	–	–	Não		Não
	S. 11	Indeterminada	–	–	–	–	Não		Não
Silves – Messines Sepultura isolada 1 -Forneca	1	Trapezoidal	NO-SE	1,94	0,48	0,31	Não		Não
Silves – Messines Sepultura isolada 2 -Forneca	1	Ovalada	N-S	1,80	0,60	0,45	Não		Não
Silves – Messines -Sepultura da Pedreirinha	1	Subtrapezoidal	SE-NO	1,62	0,38	0,33	Não		Não
Silves – Messines -Sepultura da Horta de Baixo	1	Subtrapezoidal	NE-SO	1,40	0,36	0,26	Não		Não
Silves – Messines -Sepultura dos Canhestros	1	Subtrapezoidal	NO-SE	1,92	0,49	0,38	Não		Não
Silves – Messines -Sepultura das Barradas	1	Subtrapezoidal	NE-SO	1,71	0,40	0,20	Não		Não

Fonte: CABRITA, 2014

Tabela 2. Singularidades das sepulturas escavadas na rocha de calcário

Localização	n.º de sep.	Forma	Orientação	Dimensões			Inumações	N.º	Espólio Material
Albufeira – Paderne - Necropole das Chaiças I	Indet.	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 1	Indeterminada	N-S				Sim	1	
Albufeira – Paderne - Necropole das Chaiças II	S. 2	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 3	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 4	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 5	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 6	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 7	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 8	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 9	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	S. 10	Indeterminada	N-S				Sim	1	
	Silves – Alcantarilha -Necrópole Poço dos Mouros	S. 1	Sub-retangular	SO-NE	1,05	0,30	0,40	Sim	2
S. 2		Retangular	SO-NE	1,80	0,50	0,60	Sim	3	Sim
S. 3		Sub-retangular	O-E	1,63	0,30	0,30	Não		Não
S. 4		Ovalada	SO-NE	0,98	0,29	0,33	Sim	1	Não
S. 5		Sub-retangular	SO-NE	1,98	0,36	0,45	Sim	1	Não
S. 6		Sub-retangular	SO-NE	1,04	0,23	0,31	Não		Sim
S. 7		Sub-retangular	SO-NE	1,90	0,42	0,30	Sim	1	Não
S. 8		Sub-retangular	O-E	1,20	0,50	0,38	Não		Não
Silves – Armação de Pera – Necropole	S. 1	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 2	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 3	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 4	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 5	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 6	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 7	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 8	Indeterminada	Indet.						Sim
	S. 9	Retangular	Indet.	1,10	0,15				Sim
	S. 10	Trapezoidal	Indet.	1,80	0,45				Sim
	S. 11	Indeterminada	Indet.						Sim
Portimão -Necrópole de Maria Pires	Indet.	Indeterminada	Indet.						
Aljezur – Necrópole do Barranco da Alcaria	S. 1	subtrapezoidal	Indet.	2,40	0,45	2,40	Sim	2	Sim
	S. 2	Retangular	Indet.	0,65	0,30	0,65	Sim	1	Não
	S. 3	Retangular	Indet.	1,60	0,45	1,60	Sim	1	Não
	S. 4	Subtrapezoidal	Indet.	0,85	0,30	0,85	Não		Sim
	S. 5	Subtrapezoidal	Indet.	1,80	0,35	1,80	Sim	1	Não
	S. 6	Subtrapezoidal	Indet.	1,00	0,20	1,00	Sim	1	Não

Fonte: CABRITA, 2014

CONCLUSÃO E PROPOSTA CRONOLÓGICA

A quase ausência de vestígio de espólio material que logrem eventualmente ter pertencido a sepultura do universo funerário no estrato rochoso de arenito vermelho de Silves não contribui para o esclarecimento cronológico das necrópoles rupestres da região.

A orientação ritual daqueles sepulcros parece plausível, embora a maioria dos afloramentos rochosos, que guardam necrópoles, se encontre exposto nas vertentes voltadas a sul. Os espaços funerários manifestam dimensões que possibilitam as fossas sepulcrais obter outras orientações rituais. Supomos, assim, que o rumo traçado para as câmaras sepulcrais foi intencional e não terá sido limitado pela dimensão da fraga rochosa. As tumulizações praticadas no arenito beneficiam a orientação noroeste-sudeste com 47% dos seus testemunhos, as inumações na rocha calcária favorecem a orientação norte-sul com 32% das deposições. As restantes fossas tumulares exibidas no grés de Silves mostram orientações norte-sul e nordeste-sudoeste, 18% e 17% respetivamente, enquanto as sepulturas no calcário denunciam orientações sudoeste-nordeste com 19% dos exemplos e 7% dos testemunhos oeste-este.

No entanto, o período temporal proposto para este conjunto é balizado entre o século VII e os inícios do século X, de acordo com as características atribuídas a outras necrópoles análogas²⁵.

A escavação da sepultura 12 da necrópole da Amorosa revelou rara existência de espólio antropológico, pertencente a indivíduo ali depositado em *decubitus* dorsal, com os membros superiores ao longo do corpo e as mãos sobre o ventre, tendo a cabeça virada para sul, denunciando, claramente, inumação em posição canónica.

Sujeitámos porção de osso a análise de radiocarbono (C14), processada no *Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory*, em Miami (Florida). O resultado foi de 1290±40BP, que calibrado a 2σ, ou seja, com 95% de probabilidade, indicou intervalo de 660-780 cal AD.

A baliza temporal oferecida pela amostra encaixa perfeitamente no grande momento histórico em estudo, supondo-se que aquela foi uma das últimas inumações ali ocorridas dos tempos visigóticos, ou já moçárabes, em período de administração islâmica do atual território algarvio, problemática que cabe futuramente desenvolver.

O padrão de distribuição do universo das 58 sepulturas escavadas nas rochas de arenito revela, como aludimos anteriormente, a maioria dos sepulcros reunida em necrópole, 62%. Os grupos dispersos pelo território que terão fundado panteões familiares em conjuntos de 2 a 5 sepulturas 15% dos testemunhos. Mais deprimido, é o número de sepulturas isoladas que atinge 8% das manifestações funerárias. As sepulturas abertas no substrato rochoso calcário, estão todas agrupadas em necrópole, denunciando um diferente modelo de ocupação do território.

²⁵ DOMÉNECH ESTEBAN, 1994: 63-81.

A arquitetura das necrópoles e sobretudo o ritual funerário que manifestam, integrando aspetos canónicos cristãos, tal como algum espólio e a primeira datação absoluta, permite-nos formular a hipótese de que os cemitérios em apreço terão tido dois grandes momentos distintos de construção. Um primeiro dever-se-ia à chegada das comunidades visigóticas, nos inícios do século VI e até à expulsão dos ocupantes bizantinos em 624. O segundo relacionar-se-ia com a proliferação das comunidades humanas, ocorrido a partir de meados do século VII e até à implantação muçulmana no *Garb al-Andalus* na região, a partir de 713, podendo previver em tempos ulteriores. A ocupação do território é efetuado nas encostas expostas a sul ou em locais de média altura com boa visibilidade para os territórios que pretendem controlar, designadamente agrícolas e de pastoreio.

Tal ocupação seria efetuada em grupo, construindo-se pequenos aglomerados populacionais, assim conseguindo proteção coletiva e, eventualmente, distribuição das tarefas. Tal forma de implantação insere-se no tipo de assentamento humano que as populações visigóticas vinham usando ao longo da sua difusão no espaço ibérico. Ulteriormente, aquelas comunidades do interior poderão ter-se dispersado pela região, construindo pequenos *habitats* familiares provocando a proliferação das necrópoles que a Arqueologia constata e estuda. O anterior modelo de assentamento e a edificação dos panteões familiares, em grupo ou isolados, poderão ter como intento derradeiro a reclamação do direito de explorar os recursos naturais daqueles territórios²⁶.

A região algarvia detém atualmente parques testemunhos da presença visigótica. A ermida de Nossa Senhora da Rocha, concelho de Lagoa, ostenta na sua arcada de entrada duas colunas, sendo uma destas encimada por capitel atribuído ao Período Visigótico²⁷. O Museu Municipal de Arqueologia de Silves, guarda capitel, ábaco e importante coleção de fragmentos de vasilhas de cerâmica daquele período. Ainda no concelho de Silves, na atual vila de Alcantarilha, foram reconhecidos por Fernando de Almeida, em meados do século XX, dois capitéis que Sebastião Ramalho Ortigão guardava em sua casa. Este possuía ainda garrafa com uma asa, talvez proveniente de cemitério das imediações de Alcantarilha²⁸.

Outros locais do Algarve têm proporcionado, de igual modo, materiais cerâmicos, metálicos e funerários atribuídos do Período Visigótico. Deste último conjunto importa referir importante necrópole, Bensafrim, cemitério intervencionado em meados do século XX por Santos Rocha, Raposeira (Vila do Bispo) onde, no sítio do Padrão, várias sepulturas foram alvo de escavação arqueológica por Mário Varela Gomes²⁹.

Na área de S. Bartolomeu de Messines, perto de Vale Fuzeiros, vale dos Abrutiais, sítios da Bica Alta e das Passadeiras, integramos a equipa de Mário Varela Gomes, que intervencionou três sepulturas tardorromanas, anteriormente violadas e de onde

²⁶ TENTE, 2015: 286-287.

²⁷ M. GOMES, 2002: 109.

²⁸ M. GOMES, 2002: 386-388.

²⁹ M. GOMES, 2002: 386-388.

foi exumado jarro bitroncocónico, passador litúrgico de bronze, resto de fíbula, fragmentos cerâmicos de paredes de vasilha e contas de pasta vítrea³⁰.

As necrópoles e sepulturas anteriormente citadas não entram no universo que temos vindo a descrever, aquelas são sepulturas abertas em solo vegetal, estruturadas por lajes, revelando outra dimensão do contexto do povoamento visigótico rural do Barlavento algarvio, que abordaremos futuramente.

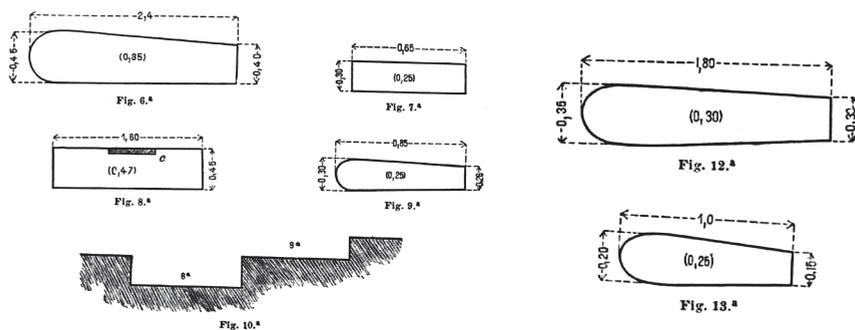


Fig. 5. Planta das sepulturas da necrópole do Barranco da Alcaria, Aljezur
Des. Bernardo de Sá; Fonte: SÁ, 1904

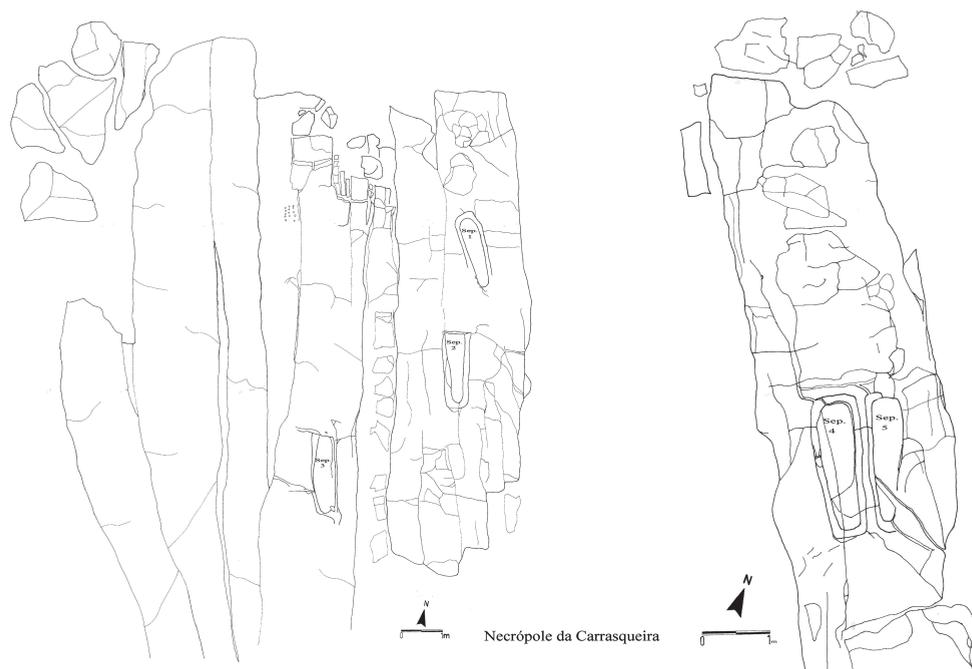


Fig. 6. Planta da Necrópole da Carrasqueira, S. B. Messines
Fonte: CABRITA, 2007

³⁰ M. GOMES, 2002: 385.

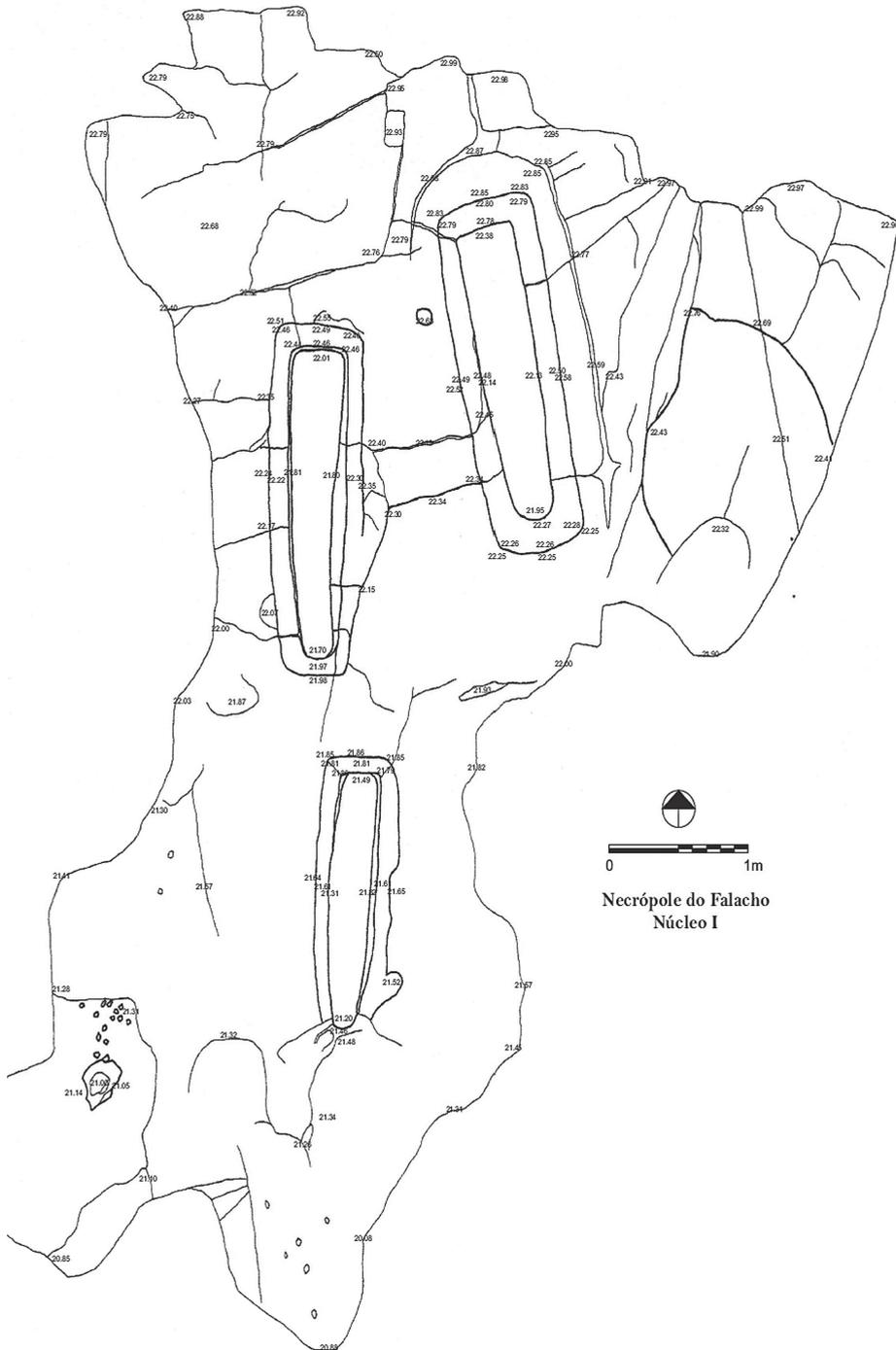


Fig. 7. Planta da necrópole do Falacho, Silves
Fonte: CABRITA, 2011a



Fig. 8. Planta da necrópole da Amorosa – núcleo 1
Fonte: CABRITA, 2007

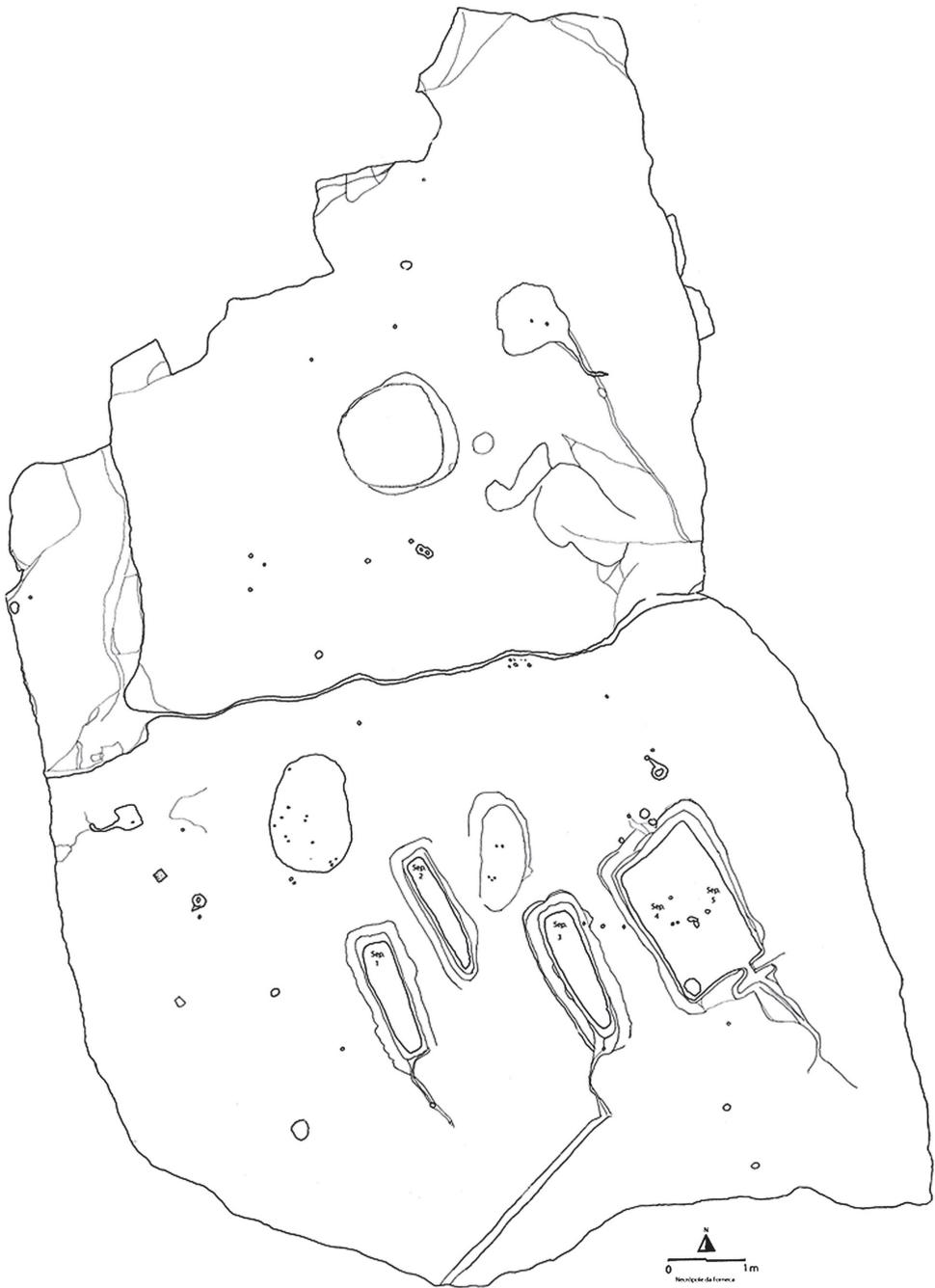


Fig. 9. Planta da necrópole da Forneca, S. B. Messines
Fonte: CABRITA, 2007

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1990). *O domínio romano*. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, dir. *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, vol. 1, pp. 345-381. Vol. 1: *Portugal das Origens à Romanização*.
- ALMEIDA, Fernando de (1962). *Arte visigótica em Portugal*. «O Arqueólogo Português». Nova série. 4.
- CABRITA, Luís Miguel (2007). *Povoamento Alto Medieval de S. Bartolomeu de Messines*. Dissertação de Mestrado.
- CABRITA, Luís Miguel (2011a). *Contributo para o estudo do povoamento rural Alto-Medieval de Silves*. In GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; TENTE, Catarina, coord. *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular, Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 239-254.
- CABRITA, Luís Miguel (2011b). *O Povoamento Alto Medieval do Algarve Ocidental*. Trabalho final do Curso de Doutoramento em História e Arqueologia Medievais da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- CABRITA, Luís Miguel (2014). *Povoamento Alto Medieval de S. Bartolomeu de Messines*. Silves: [Edição do autor].
- DOMÉNECH ESTEBAN, M. (1984). *Excavaciones arqueológicas en la necrópolis rupestre de Tiermes. Campañas de 1981 y 1982*. In *Tiermes III, Excavaciones realizadas en la Ciudad Romana y en las necrópolis medievales*. Madrid: Casa de Velázquez.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; CASTRO, Luís de Albuquerque e (1948). *A Estação Pré-Histórica de Vale de Carro (Albufeira)*. Separata de «Estudos». 4.
- GOMES, Maria Elisa H. H. (1958). *Monumentos arqueológicos inéditos do concelho de Silves*. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, vol. II, pp. 75-94.
- GOMES, Mário Varela (1994). *A Necrópole da Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. «XELB». 2.
- GOMES, Mário Varela (2002). *A necrópole Visigótica do Poço dos Mouros (Silves)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 2, 339-391.
- GOMES, Rosa Varela (2002). *Xelb uma cidade do Garb al-Andalus: arqueologia e história*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012). *Enterramientos, memoria social y paisaje en Alta edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MATTOSO, José, dir. (1993). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa. Vol. 1: *Antes de Portugal*.
- ROMAN PUNZÓN, Júlio M. (2004). *El Mundo Funerário Rural en la Provincia de Granada durante la Antigüedad Tardía*. Granada: Universidade de Granada.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1987). *Geografia de Portugal*. Organização, comentários e actualização de Suzanne Daveau. Lisboa: Edições João Sá da Costa, vol. 1.
- SÁ, Bernardo de, (1904). *Explorações archeológicas no Algarve em Março de 1904*. «O Arqueólogo Português». IX, 173-179.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos (1971). *Arqueologia romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos (1972). *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. II.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, dir. (1993). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Vol. 2: *Portugal das Invasões Germânicas à "Reconquista"*.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas Medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: Estudo Comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-218.

- TENTE, Catarina (2015). *Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados e construcción del paisaje rural altomedieval*. «Munibe Antropologia-Arkeologia». 66, 271-290.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1887). *Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Pré-históricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, pp. 350-368.
- VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio da Veiga (1949). *O conjunto visigótico de Alcaria (Caldas de Monchique)*. Lisboa: [s.n.].
- VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio da Veiga (1950). *Necropolis de las Caldas de Monchique*. Madrid: [s.n.].

